

Estudos sobre Salacia

1. A situação de Salacia

O Sr. Dr. Hübner, no seu livro intitulado *Noticias Archeologicas de Portugal*, a pag. 24 e sqq., enumera as razões archeologicas que podem levar á determinação do sítio de Salacia, que Ptolemeu colloca entre a foz do Καλιππος (Sado) e Καιτόβριξ (Caetobriga), Plinio entre as cidades costeiras, e modernamente Mannert em Troia, perto de Setubal, não obstante, desde Resende, ter esta situação sido collocada junto a Alcacer do Sal.

O Sr. Hübner, depois de registrar estas opiniões, apresenta ainda as probabilidades que militam a favor de a situação de Salacia ter sido junto a Santa Margarida do Sado; mas, com a probidade scientifica, que lhe é propria, não se decide, á falta de provas, por qualquer das situações indicadas.

Decorridos, porém, vinte e sete annos, o illustre archeologo publicou *La Arqueologia de España y Portugal*, e neste livro, a pag. 199, § 132, diz: «Salacia, hoy Alcacer do Sal».

Ignoro quaes fossem os motivos, certamente poderosos, que levaram o Sr. Hübner a firmar a sua opinião á cêrca do ponto controverso. Por isso, aqui dou algumas razões a favor de Alcacer do Sal.

Desculpem-me a ousadia.

Não tenho a mira noutro fim, senão em pagar um tributo de gratidão á terra onde vivo ha vinte e dois annos.

*

Tenho á vista uma brochura, intitulada *Descripção da Peninsula Iberica*, liv. 3.^o da *Geographia* de Estrabão, parte I. O sr. Gabriel Pereira começa o prefacio dizendo: «A principal descripção da peninsula iberica, que a antiguidade nos legou, é devida a Estrabão, célebre geographo e historiador grego». E mais adiante: «..... a observação exacta e minuciosa, o constante desejo de acertar, a repugnancia em admittir fabulas e exageros maravilhosos, mui triviaes em escriptos d'aquelle tempo, e a grande cópia de conhecimentos dão ao escripto de Estrabão um tal relêvo, que em mui poucos escriptores antigos se lhe encontrará rival: mesmo geographos posteriores a Estrabão, como Plinio e Pomponio Mela, lhe ficam inferiores em muitos pontos de vista».

Posto isto, abro o livro e da pag. 25, cap. III, transcrevo o seguinte periodo: «Nesta parte da costa, ha tambem esteiros; d'estes mencionaremos especialmente um, que partindo do [promontorio] acima nomeado, se interna por mais de 400 estadios e póde levar os navios até Salacia».

É claro que Estrabão chama esteiro ao *Καλίπους* (Sado).

O esteiro podia levar os navios até Salacia. Portanto, a situação de Salacia não foi costeira nem em Troia.

O testemunho de Estrabão não é mais favoravel a Santa Margarida. Vejâmos. O estadio, medida grega, é igual a 625 pés do Capitolio; e o pé romano a 0^m,2946; os 400 estadios indicados por Strabão como curso aproximado do esteiro, reduzem-se, pois, a 73,650 kilometros.

Por outro lado: o Sr. Gerardo A. Pery diz-nos que o curso do Sado é de 135 kilometros, e que este rio começa a ser navegavel em Porto de Rei, ponto que dista da costa 61 kilometros (*Geographia e estatistica geral de Portugal e colonias*, 13-IX). De Porto de Rei a Santa Margarida, seguindo-se, como deve ser, o serpear do rio, são, pelo menos, 35 kilometros, que, juntos áquelles 61, perfazem 96. A differença entre 96 e 73,650 é de 22,350 kilometros, que marcam a distancia, a que se acha Santa Margarida alem dos 400 estadios. E, devendo Salacia estar necessariamente comprehendida naquelles 400 estadios, vê-se que não o estava o ponto hoje occupado por Santa Margarida, o que se oppõe á situação de Salacia neste ponto.

Outras razões nos podem ainda levar á mesma conclusão. Á parte navegavel do Sado chama o povo, hiperbolicamente, o Mar; e, de Porto de Rei para cima, á que o não é, chama-lhe simplesmente Ribeira do Sado. E com razão. Durante o inverno, a ribeira, indo na mãe, é vadeavel em alguns pontos. De verão, em todos os seguintes: S. Bento (junto a Porto de Rei), Portancho, Valle de Romeiras, Quinta de Cima, Porta do Arieiro, Porto do Carvalho, S. Mamede, Miranda e Santa Margarida.

Nesta quadra do anno, a ribeira divide-se em grandes pegos, communicando-se por pequenas correntes, ás vezes verdadeiros regatos.

Quer isto dizer que o Sado, a montante do Porto de Rei, nem sequer é fluctuavel.

E creio poder-se affirmar que, nos tempos de Salacia, não teve este rio melhores condições de navegabilidade.

É certo que nunca foi canalizado.

Para que os navios pudessem abicar no ponto occupado por Santa Margarida, seria preciso que as marés alli chegassem, ou que a bacia

do Sado ministrasse a este rio cabedal bastante para o fazer navegavel por mais de dois *terços do seu curso*.

No intuito de mostrar como estas duas hypotheses são inadmissíveis, obtive de dois distinctos empregados da direcção de obras publicas do districto de Lisboa, os Srs. J. Abecassis, engenheiro, e J. F. Guedes, conductor, valiosas informações, que com muito agradecimento utilizo.

*

Na margem esquerda do Sado, um pouco a montante de Alcacer, ha um ponto, o Forno da Cal, que na carta chorographica official tem a cota de 5 metros acima do nivel do mar.

A Vargem de Gallegas, em frente de Santa Margarida, tem a cota de 22 metros.

A amplitude maxima das marés, observada nos hydrometros do Sado é de 3^m,56, o que dá para o Forno da Cal, 1^m,44 a cima da maxima preamar. Entre a Vargem de Gallegas e a linha normal das aguas em Santa Margarida, ha a differença de nivel de 2^m,02. Temos, pois: 5^m,0 — 1^m,44 = 3^m,56, aguas maximas em Alcacer; 22^m,0 — 2^m,02 = 19^m,98, aguas médias em Santa Margarida. A differença, de 16^m,42, é quanto as marés teriam de subir, para poderem tocar em Santa Margarida. Teriam de elevar-se mais 4^m,42 do que em Granvilla, onde ellas attingem a sua maxima altitude conhecida.

Vê-se, pois, a impossibilidade de poderem as marés chegar a Santa Margarida, a não ser que (admittindo ainda outra hypothese) este ponto e o curso do Sado d'alli para jusante se achassem outr'ora em cotas muito mais baixas que actualmente. E, neste caso, a elevação ás cotas actuaes, que poderia ter succedido ou por um processo rapido de causas vulcanicas ou por sedimentação lenta, não é confirmada pelos estudos geologicos do país.

Por todo o valle do Sado ha muitos vestigios dos romanos; e nas minas da Caveira, poços numerosos, extensas galerias e escoriaes, avaliados em 300:000 toneladas¹, provam, não só que aquelle povo exerceu aqui a sua industria, mas tambem que esta região se acha ainda, pouco mais ou menos, nas mesmas condições topographicas que nos tempos de Salacia.

¹ *Catalogo descriptivo da Secção de Minas*, pelos Srs. Neves Cabral, Severiano Monteiro e J. A. Barata, Lisboa 1889.

Durante o periodo quaternario, nenhum cataclismo modificou a bacia do Sado alterando-lhe limites, elevando ou deprimindo montanhas, desviando cursos de agua, etc.

Se a bacia do Sado não diminuiu, as suas vertentes, hoje, como então, pagam ainda, aproximadamente, o mesmo tributo; e se este rio não é hoje navegavel por aguas proprias a cima de Porto de Rei, não ha motivo para crermos que o fosse nos tempos de Salacia.

Creio, portanto, poder afirmar-se que o *esteiro* não podia, nem por aguas proprias, nem com o auxilio de marés, levar os navios até ao ponto occupado por Santa Margarida.

É ainda Estrabão a dizer-nos que não podia ser, neste ponto, a situação de Salacia.

Das suppostas situações de Salacia, só nos resta a que a colloca em Alcacer do Sal.

Tem esta por si o trecho do escriptor citado, a opinião do Sr. Hübner e a opinião geral.

Junto a esta villa, ha vestigios de uma povoação romana, que devia ser bem conhecida, não só pela grandeza, que aquelles vestigios lhe attestam, mas ainda, e principalmente, pela importancia commercial que lhe daria a sua vantajosa posição, até aonde o *esteiro* podia, facilmente, levar os navios.

Sabe-se tambem que esta povoação era cercada por outras bem conhecidas como Myrtilis, Pax-Julia, Liberalitas Julia, Caetobriga e Merobriga.

Não é crível que a historia lhe omitisse o nome. E o de SALACIA, que ella nos transmittiu, não tem no meu entender outro *ubi*.

2. Novas moedas de Salacia

Ha muitos seculos que a enxada do trabalhador desenterra, do solo alcacerense, thesouros de numismatica, que andam dispersos pelo país, colleccionados em museus, ou em poder de particulares.

A mina era, porém, tão copiosa, que, apesar do contínuo depauperamento, ainda tem muito que explorar. Ainda, ás vezes, as enxurradas arrastam moedas, que depositam nas ruas, ou na margem do rio, junto á villa.

A moeda representada na fig. 1 foi achada nos lodos, que o reflujo deixa a descoberto, e que muitas outras nos tem deparado.

A da fig. 2 existe no museu de Alcacer do Sal desde que elle começou; mas, por se ter misturado com outras muito safadas, e, para mim, indecifreveis, me passou, até hoje, despercebida. São dois

novos typos de moedas de Salacia, provavelmente ineditos, para accrescentar ás duas series já publicadas n-*O Archeologo*, I, 81; II, 280; III, 127.

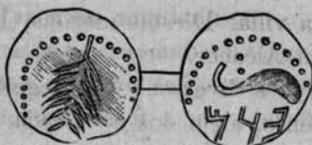


Fig. 1. — Golphinho á direita, com um ponto no prolongamento da cauda e outro dentro da curva por ella formada. Por baixo as tres primeiras letras da palavra EVIOM. As duas, que faltam, não podiam caber no pequeno campo da moeda, cujo módulo é igual ao dos n.ºs 2 e 3 da 2.ª série. Superiormente, parte do circuito granulado.

Reverso. — Espiga para baixo, e com inclinação á esquerda: de modo que fórma com a posição horizontal do golphinho um angulo ligeiramente obtuso. Granulação como na outra face. Tem esta moeda 0^m,011 de módulo e 3 grammas de pêso.

A cunhagem foi excentrica.

Liga-se ás moedas da 1.ª e 2.ª serie; a umas pela legenda, a outras pelos emblemas.



Fig. 2. — Cabeça de Hercules á esquerda, com a pelle do leão e clava atrás da nuca. Na altura dos olhos as letras DA, resto de ODACIS, e, por baixo, parte do circuito granulado.

Reverso. — Dois atuns. Entre elles, a palavra EVIOM, em caracteres indigenas, precedida de crescente com ponto. Granulação como no anverso. A cunhagem foi excentrica. Tem 0^m,029 de diametro e pesa 15 grammas. Bilingue, luso-romana, esta moeda é uma variante da representada na fig. 3 da 1.ª série. O anverso é, em ambas, igual. Tem esta, porém, maior pêso e módulo; e differe ainda na fórma dos peixes e no cunho da legenda indigena, que em vez de ter as letras separadas, apresenta sigla da primeira com a segunda e da quarta com a quinta. A terceira letra mal se distingue.

Tenho actualmente noticia de 24 moedas de Salacia, que se acham assim distribuidas: 12 como diz *O Archeologo* I, 84; os n.ºs 1 e 3 da 2.ª série, *Archeologo* II, 280; e 9 que (alem de mais 3 duvidosas) possui o museu d'esta villa. D'estas moedas, 12, pelo menos, foram certamente achadas em Alcacer.

Ha entre ellas 8 typos diversos: 6 já registados n-*O Archeologo*, e os 2 que hoje apresento, alem dos da moeda de IMP · SAL.

No museu de Alcacer faltam 3 d'estes typos; e são os n.ºs 1 e 3 da 2.ª série e o de IMP · SAL¹.

Alcacer do Sal, 1897.

P.º F. MATOS GALAMBA.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

112. O Sr. D. Vicente Paredes offereceu-me para o Museu os seguintes objectos:

- a) treze instrumentos de pedra polida, sendo quatro muito delicados, e tendo um d'estes um comêço de furo para andar pendurado;
- b) dois machados chatos de cobre ou bronze.

Objectos provenientes da região dos antigos Vettones.

113. O Sr. Alexandre Bertrand, director do Museu das Antiquidades Nacionaes de França, estabelecido em St. Germain-en-Laye, offereceu ao Museu, em troca de varios objectos que lhe enviei:

- a) a reproducção de um instrumento prehistorico de pedra;
- b) a reproducção de outro, com comêço de orificio central;
- c) reproducções de dois amuletos romanos luniformes de metal.

114. O Sr. Conego Marcellino de Barros offereceu-me um raspador prehistorico de pedra polida, encontrado em Bolama (Africa).

115. O Sr. José de Almeida Carvalhaes offereceu ao Museu os seguintes objectos:

- a) onze placas de lousa ornamentadas, e quatorze fragmentos de outras;
- b) sete vasos de barro, e muitos fragmentos de outros;

¹ Já depois de composto este artigo, appareceu outro exemplar do typo n.º 1 das moedas que se figuram neste artigo. Temos pois pelo menos 13 d'estas moedas indigenas, achadas em Alcacer.